

“TOMEI A SEGUNDA DOSE”: UMA ANÁLISE FUNCIONAL-COGNITIVISTA DA ESTRUTURA *DE* + *SN* NA FUNÇÃO DE MODIFICADOR DO SUBSTANTIVO *DOSE*

“I TOOK THE SECOND DOSE”: A FUNCTIONAL-COGNITIVIST ANALYSIS OF THE STRUCTURE OF + *SN* AS A MODIFIER OF THE NOUN *DOSE*

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19553

**Abraão Cleber Silva Nolasco¹
Gesieny Laurett Neves Damasceno²**

Resumo: Este artigo objetiva analisar a estrutura *de* + *SN* na função de modificador do substantivo *dose*, à luz da interface entre pressupostos do Funcionalismo Linguístico (como as noções de iconicidade e informatividade) e da Linguística Cognitiva – mais especificamente, a Semântica de *Frames*. Este estudo considerou um *corpus* constituído por 1994 *tweets*, produzidos entre outubro de 2019 e outubro de 2021. Os resultados revelaram quatro modos de realização desse modificador e endossam a premissa de que uma abordagem funcional-cognitivista pode proporcionar uma compreensão mais ampliada acerca dos sentidos que emergem no uso efetivo da língua em situações reais de comunicação.

Palavras-chave: Modificador *de* + *SN*; substantivo *dose*; *tweets*; funcionalismo linguístico; semântica de *frames*.

Abstract: This article aims to analyze the of + *SN* structure in the role of modifier of the noun *dose*, in light of the interface between assumptions of Linguistic Functionalism (such as the notions of iconicity and informativity) and Cognitive Linguistics - more specifically, Frame Semantics. This study considered a corpus of 1994 tweets, produced between October 2019 and October 2021. The results revealed four ways of realizing this modifier and endorse the premise that a functional-cognitivist approach can provide a broader understanding of the meanings that emerge in the effective use of language in real communication situations.

Keywords: modifier *of* + *SN*; noun *dose*; tweets; linguistic functionalism; frame semantics.

Introdução

A Linguística Moderna é um campo vasto e diversificado, em que diferentes teorias e abordagens da linguagem oferecem perspectivas únicas sobre a estrutura e o funcionamento das línguas. Entre essas abordagens, o Funcionalismo Linguístico Clássico e a Semântica de

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor efetivo do Instituto Federal do Espírito Santo – Vitória, ES, Brasil. E-mail: abraaoenolasco@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4140-985X>.

² Professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, ES, Brasil. E-mail: gesieny@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6556-9968>.

Frames se destacam por suas contribuições distintas para a compreensão da linguagem. O Funcionalismo Linguístico – com seu foco nas funções que as formas linguísticas exercem na comunicação – e a Semântica de *Frames* – tal como desenvolvida por Charles Fillmore, que explora como os significados são organizados em estruturas cognitivas chamadas *frames* – oferecem compreensões valiosas acerca de fenômenos da linguagem, mas suas interseções nem sempre são observadas como poderiam no seio dos estudos linguísticos.

Considerando isso, neste artigo, objetivou-se analisar a estrutura *de* + *SN* na função de modificador do substantivo *dose*, o qual, significando “quantidade padrão de remédio, bebida etc.”, se enquadra na categoria de palavras sincategoremáticas (Castilho, 2010) e exige, do ponto de vista da autonomia de sentido, maiores informações para ser compreendido. Nesse caso, o SPrep em questão cumpriria o papel de codificar uma informação complementar ao substantivo *dose*. No exemplo a seguir, ilustra-se o fenômeno a ser analisado:



Tweet 1

Disponível em: <https://twitter.com/CoronavirusBra1/status/1445829637892820995>. Acesso em: 20 maio 2022.

Como se nota, o substantivo *dose*, além do numeral “uma”, que, segundo a tradição gramatical, funciona como adjunto adnominal de tal nome, vem acompanhado do termo “da vacina contra a Covid-19” (estrutura *de* + *SN*), o qual codifica uma informação complementar. Para analisar tal fenômeno, este estudo se dá à luz da interface entre pressupostos do Funcionalismo Linguístico (como as noções de iconicidade e informatividade) e da Linguística Cognitiva – mais especificamente, a Semântica de *Frames* –, a fim de examinar como os sentidos emergem na língua em uso³.

³ Este trabalho é parte da pesquisa de mestrado intitulada *A estrutura “De+SN” como modificador do substantivo “dose”: Uma análise funcional-cognitivista*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (Nolasco, 2023).

Estruturalmente, este artigo apresenta, além desta introdução, uma seção que apresenta brevemente o Funcionalismo Linguístico Clássico, assim como os princípios da iconicidade e da informatividade, e outra seção que busca definir a noção de *frames*. Na seção da metodologia, expõem-se os procedimentos metodológicos para captura dos *tweets*. Em outra seção, apresenta-se a análise desenvolvida acerca da estrutura *de + SN* na função de modificador do substantivo *dose*, lançando mão dos princípios da iconicidade e da informatividade, assim como da noção de *frames*. Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências deste trabalho.

1 O Funcionalismo Linguístico Clássico

Para falar do Funcionalismo Linguístico Clássico (doravante Funcionalismo Linguístico), é necessário, a fim de que se não incorra em confusões terminológicas e teóricas, deixar claro que nesse caso se está fazendo referência a uma teoria específica a qual se enquadra no polo funcionalista de estudos da linguagem. Esse polo de estudos concebe a língua como um instrumento de interação social, um fenômeno cultural, usado pelos falantes principalmente para o estabelecimento de um processo comunicativo. Afiliadas ao paradigma funcional estão outras teorias, como a Linguística de Texto, a Semiologia, a Análise Crítica do Discurso entre outras, as quais assumem a postura de considerar, na análise linguística, o uso real da língua (Castanheira, 2022).

Diante disso, o polo funcional de estudo da língua e o Funcionalismo Linguístico não são considerados aqui sinônimos, uma vez que, como se mostrou, no polo funcional se perfilham diferentes abordagens teóricas, e uma delas é o Funcionalismo Linguístico Clássico. De acordo com Castanheira (2022), as perspectivas desse paradigma apresentam características em comum, mas podem se distanciar a depender dos aspectos focalizados em suas análises.

Acerca do Funcionalismo Linguístico Clássico, pode-se afirmar que essa teoria propõe que a língua “não deve ser analisada como um objeto autônomo, mas sim como uma estrutura flexível, sujeita a influências das diversas situações comunicativas, que ajudam a moldar sua estrutura gramatical” (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 14). Nesse contexto, a pragmática e o discurso, frequentemente desconsiderados nas análises linguísticas de caráter formal, são considerados elementos essenciais para o estudo da linguagem.

Compreende-se, portanto, que “a situação comunicativa influencia a estrutura gramatical” (Martelotta, 2009, p. 63). Dessa forma, argumenta-se que os aspectos gramaticais de uma língua devem ser analisados em relação ao seu uso em contextos reais de comunicação,

uma vez que há uma interdependência entre discurso e gramática. Ou seja, gramática e discurso não são vistos como entidades distintas e separadas, mas como aspectos interconectados que se influenciam mutuamente.

Segundo Pezatti (2005, p. 168), o Funcionalismo Linguístico não se limita ao estudo da estrutura linguística em si, como é comum nas abordagens do paradigma formal. Em vez disso, busca explicar a língua com base nas funções que ela desempenha na comunicação. Outrossim, “o enfoque da linguagem como instrumento de interação social tem por objetivo revelar a instrumentalidade da linguagem em termos de situações sociais” (Pezatti, 2005, p. 168). Assim, a ênfase está no papel que a linguagem desempenha nas diversas situações de uso linguístico.

Em oposição ao princípio de autonomia da língua, Givón (1995) argumenta que a compreensão da linguagem depende de fatores como cognição, comunicação, processamento mental, interação social, contexto cultural, mudança e variação linguísticas, bem como aquisição e evolução. Dessa perspectiva, a linguagem é vista como uma atividade sociocultural influenciada por princípios cognitivos e comunicativos, sendo icônica e não arbitrária (Givón, 1995). Assim, essa abordagem não desvincula a língua do falante nem do contexto em que é usada.

Ademais, os estudos funcionalistas rejeitam a noção da centralidade da sintaxe, a qual é compreendida, pelos funcionalistas, como dependente da pragmática e, junto com a semântica, deve ser analisada dentro da moldura da pragmática. Assim, o Funcionalismo Linguístico considera “o discurso e a semântica como componentes centrais de uma língua e seu ponto de partida, vendo a gramática como seu ponto de chegada” (Castilho, 2010, p. 65). Nesse sentido, uma gramática funcional aborda a língua levando em conta não apenas aspectos morfossintáticos, mas também semânticos, pragmáticos e discursivos. Portanto, como afirmam Martellota e Kenedy (2015, p. 16), “a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística em contextos específicos de uso”. Dentre os princípios e categorias centrais do Funcionalismo, dado o objetivo central deste estudo, discorrer-se-á acerca da iconicidade e da informatividade.

1.1 Iconicidade

A iconicidade pode ser compreendida como a correlação natural entre forma e função, isto é, a relação entre uma determinada forma linguística e a sua função na comunicação. De acordo com Givón (2001, p. 35), a abordagem funcional da gramática baseia-se no pressuposto

de que a gramática, como todos os sistemas de base biológica, é motivada de modo adaptativo e, nesse sentido, não arbitrária.

Em sua versão branda, o princípio da iconicidade apresenta alguns subprincípios, que são: subprincípio da quantidade, subprincípio da proximidade e subprincípio da ordenação linear (Givón, 2001, p. 34-35). Como para a análise proposta neste trabalho recorre-se ao subprincípio icônico da quantidade e em virtude do espaço reservado à discussão, será apresentada apenas a definição desse subprincípio da iconicidade.

Tal subprincípio icônico relaciona a quantidade de forma linguística à quantidade de informação que se deseja comunicar. Assim sendo, a informação que for menos previsível será codificada a partir de um maior material linguístico; ao passo que a informação que for mais previsível menos codificação receberá. Pode-se considerar, portanto, que, quanto mais imprevisível for determinada informação, para o falante, mais forma linguística este usará para codificar tal informação.

Para Furtado da Cunha e Bispo (2016, p. 63), “a iconicidade é estimulada por questões de clareza e transparência de modo a reduzir a opacidade entre forma linguística e seu correlato semântico e/ou pragmático”. Por exemplo, no enunciado “Quando eu tinha uns dois ou três anos, meu pai chegou em casa do trabalho à noite e falou para mim que tinha uma surpresa. Aí ... ele me deu um pacote, eu abri, e era um *cachorrinho de borracha*, desses que a gente aperta e faz barulho.” (Corpus D&G – Relato oral), o grande volume de forma linguística utilizado para se referir ao “cachorrinho de borracha” pode ser explicado com base no subprincípio icônico da quantidade, na medida em que a informação em *itálico* é concebida como imprevisível pelo falante, fazendo que haja mais codificação linguística (Bispo, 2009, p. 34).

Expostas tais considerações acerca do princípio da iconicidade, será apresentado, no próximo subtópico, o princípio da informatividade, que também servirá de subsídio para as análises empreendidas neste trabalho.

1.2 Informatividade

Atuando em todos os níveis de codificação linguística, o princípio da informatividade relaciona-se ao que os interlocutores compartilham ou supõem compartilhar no momento da interação (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2015). A partir de uma ótica cognitivista, Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 35) consideram que “uma pessoa se comunica para informar o interlocutor sobre alguma coisa, que pode ser algo do mundo externo, do seu próprio mundo interior, ou algum tipo de manipulação cujo alvo seria esse interlocutor”.

Chafe (1987, p. 26), por sua vez, relaciona a informatividade à maneira como o falante organiza os conceitos no discurso, considerando quais conceitos já estão ativados na mente do seu interlocutor. Assim, “tanto a ordenação dos elementos da cláusula quanto sua codificação dependem da avaliação do falante/escrevente acerca do estado de ativação do conhecimento na mente de seu interlocutor” (Furtado da Cunha; Bispo, 2016, p. 65). Além disso, é importante salientar que, segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 36), o princípio da informatividade é tratado pelo Funcionalismo a partir da classificação semântica e da codificação de referentes, o que evidencia que a ocorrência de um referente no discurso é influenciada por aspectos de natureza semântico-pragmática.

Ainda no que se refere à informatividade, pode-se citar a taxonomia “familiaridade presumida” – que também é denominada “conhecimento compartilhado” – proposta por Prince (1981), para tratar do estatuto informacional da sentença. A estudiosa propõe três grandes categorias de entidades para tratar desse estatuto, que são: *nova*, *evocada* e *inferível*. Nos termos de Prince (1981), uma informação é classificada como *nova*, quando introduzida pela primeira vez no discurso. A informação *evocada* é aquela que já ocorreu no discurso e pode ser recuperada textualmente ou situacionalmente, enquanto a entidade *inferível* é aquela que o falante assume que o ouvinte pode recuperar e/ou interpretar, por meio de razões lógicas ou plausíveis, a partir de outra entidade discursiva evocada ou inferível (Prince, 1981).

Apresentadas essas noções que definem e norteiam o Funcionalismo Linguístico Clássico e os princípios funcionalistas aos quais se recorre neste empreendimento analítico, o próximo segmento abordará a Semântica de *Frames*, a qual está afiliada à Linguística Cognitiva.

2 A Linguística Cognitiva e a Semântica de *Frames*

Insatisfeitos com o lugar que a semântica e a pragmática assumiam no modelo gerativista, pesquisadores como Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier – que, antes, se saciavam na fonte cognitivista da Linguística Gerativa – buscaram desenvolver um modelo teórico que desse conta eficazmente das relações existentes entre sintaxe e semântica (Ferrari, 2020, p. 13). Nesse cenário de insatisfação desses estudiosos que “protagonizaram uma importante guinada em direção à inclusão do significado na análise de estruturas linguísticas, enfatizando o tratamento de aspectos semânticos em termos de operações conceptuais” (Ferrari; Pinheiro, 2017, p. 68), surge o que se conhece, hoje, como Linguística Cognitiva.

Como expõe Ferrari (2020, p. 14), a linguagem humana passa a ser concebida, pelos linguistas cognitivistas, como “instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática”. Nesse sentido, esse modelo de análise linguística assume que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição, isto é, “o significado deixa de ser reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado” (Ferrari, 2020, p. 14). Assim sendo, o significado não está meramente contido nas palavras, mas estas orientam a construção daquele, e o significado é fruto de experiência social e individual. Nesse contexto, o significado não é uma coisa; ele envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significância deriva da atuação de um determinado ser em um determinado ambiente (Lakoff, 1987, p. 292). Assumindo tal posicionamento teórico, fatores de ordem pragmática são concebidos como imprescindíveis para a análise da produção de significados, na medida em que

os sentidos se multiplicam porque a mente constrói na experiência, numa experiência com os outros, uma experiência reconstruída pela memória dessas experiências ou pelo sentido das interações que geraram esses sentidos, que os transformaram e que, de um modo ou de outro, em diferentes graus de consciência orientaram nossa vida interior e nossos modos de convivência (Feltus, 2007, p. 183).

Dessa maneira, é com base nessa experiência que os interlocutores são capazes de compreender os sentidos produzidos por meio da interação linguística, mesmo aqueles que não foram codificados linguisticamente. Por exemplo, no enunciado “Ele ganhou uma boa gorjeta” (Duque, 2017, p. 29), a palavra *gorjeta* ativa a experiência de uma pessoa dando dinheiro a uma outra pessoa, possivelmente, em um restaurante. Uma pessoa que ouve, lê ou vê a sinalização de tal palavra pode inferir que alguém solicitou algo para comer, comeu, pagou e ainda deu dinheiro adicional ao garçom (Duque, 2017, p. 29). Nesse caso, a significação envolve muito mais do que aquilo que é codificado linguisticamente.

Afiliada à Linguística Cognitiva está a Semântica de *Frames* – que tem como figura expoente o cognitivista Charles Fillmore. Dessa teoria, recorre-se à noção de *frame* a fim de que seja estabelecida uma análise mais profícua do fenômeno sobre o qual este trabalho se debruça. Para Fillmore (1982), um *frame* pode ser definido como

qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura em que tal conceito se encaixa; quando

um dos conceitos de tal estrutura é introduzido em um texto, ou em uma conversa, todos os outros se tornam disponíveis automaticamente⁴ (Fillmore, 1982, p. 111).

Nessa perspectiva, para Fillmore (1982), as escolhas lexicais realizadas pelo falante representam categorizações de suas experiências, e tais escolhas estão associadas a um plano de fundo cognitivo organizado pelas experiências e conhecimentos. Ou seja, pode-se afirmar que Fillmore (1982) concebe que o significado das palavras está associado a *frames*. Portanto, para que se compreenda determinada palavra num certo tipo de texto, por exemplo, é necessário que se acessem estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, levando em conta as bases físicas e culturais de tal experiência (Ferrari, 2020).

As palavras ou outras categorias linguísticas, nessa visão, são como indexadoras semânticas ou categorias cognitivas reconhecidas como participantes de determinadas estruturas conceituais, isto é, *frames* (Fillmore, 1982, p. 119). Assim, no processo de interação verbal, o interlocutor, ao ter contato com determinada construção discursiva, por meio das palavras que constituem tal construção, acessa o *frame* do qual tais palavras são participantes. Nesse sentido, o processo de compreensão de um texto, de acordo com Fillmore (1982), envolve recuperar ou perceber os *frames* evocados pelo conteúdo lexical do texto, reunindo esse tipo de conhecimento esquemático em algum tipo de visão de mundo do texto. Ou seja, ao ouvir/ler determinada sentença, o ouvinte/leitor perceberá que ela não lhe dá todas as informações que poderiam lhe ser dadas, o que lhe dará o trabalho de computar as informações não codificadas, construindo em sua mente um complexo contexto dentro do qual era motivado cada um dos enquadramentos sinalizados pelas palavras constituintes de tal sentença.

Para ilustrar, pode-se fazer referência ao *frame* EVENTO COMERCIAL, discutido por Fillmore (1977). A esse *frame* estão relacionados papéis como o do comprador, vendedor, mercadoria e dinheiro. Nesse evento, o comprador realiza o ato de levar a mercadoria e entregar o dinheiro, o vendedor leva o dinheiro e entrega a mercadoria. As palavras associadas semanticamente a esses papéis constituem um conjunto de indexadores linguísticos (ou pistas) responsáveis por ativar o *frame* citado. E cada uma das palavras aciona dimensões distintas do *frame*. Veja-se o seguinte exemplo, extraído de Fillmore (1977, p. 59):

⁴ Tradução livre de: “[...] any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available” (Fillmore, 1982, p. 111).

Ex. 1: John comprou o sanduíche do Henry por três dólares.⁵

Nesse caso, o estudioso diz que uma das duas atividades do comprador é registrada, que, aqui, é comprar o sanduíche (ou levar o sanduíche), no entanto as atividades do vendedor não são codificadas. Fillmore (1977) chega a dizer, até, que, no caso apresentado, a menção ao vendedor e ao dinheiro é opcional, e que o evento é visto da perspectiva do comprador. Embora todas as atividades de cada participante não sejam extensivamente registradas no texto, o leitor pode inferi-las pelo fato de haver indexadores que ativam a cena inteira, apesar de se focar em apenas um aspecto.

Vale salientar que, para haver sucesso na construção de sentido por parte do ouvinte/leitor, é necessário que o *frame* seja alicerçado em uma situação real de comunicação, uma vez que o falante, ao se deparar com uma porção de linguagem, ativa tanto a sua capacidade de esquematizar eventos ou componentes do “mundo” que o texto, de alguma forma, caracteriza, como a sua habilidade de esquematizar a situação na qual tal fragmento linguístico está sendo produzido (Fillmore, 1982, p. 117).

Além disso, com base na perspectiva da Semântica de *Frames*, compreende-se que o texto não é apenas o registro de pequenos significados que ajudam o leitor chegar a um grande significado, mas sim o registro das ferramentas que uma pessoa usou para executar determinada tarefa. Sob esse olhar, interpretar um texto pode ser comparado ao trabalho de descobrir em que atividades as pessoas se engajaram para usar tais ferramentas (Fillmore, 1982). Sendo assim, ao se deparar com um texto, o interlocutor não apenas atribui sentido àquilo que está codificado linguisticamente, mas aciona informações a partir da relação entre elementos verbais e não verbais, assim como constrói sentido a partir dos elementos relacionados com a situação de produção (Silva, 2020).

Ademais, é importante salientar, como expõe Ferrari (2020), que a ideia de *frame* impacta o entendimento de questões complexas como significado e conceito. A perspectiva tradicionalmente aceita sustenta que palavras específicas correspondem a conceitos específicos, compartilhados de forma idêntica entre os falantes. Dessa forma, esses conceitos são frequentemente descritos de maneira objetiva, utilizando listas de traços semânticos. Por sua

⁵ Tradução livre de: “John bought the sandwich from Henry for three dollars” (Fillmore, 1977, p. 59).

vez, a noção de *frame* questiona essa abordagem objetiva da linguagem, rejeitando a concepção do significado como uma entidade fixa e propondo sua análise como uma função.

Ao lançar mão de uma abordagem funcional-cognitivista, este trabalho procura enfatizar a relevância de considerar a função comunicativa da linguagem, o contexto de uso e os aspectos cognitivos na descrição linguística. A análise dos dados corrobora o pressuposto de que essa interface pode proporcionar aos estudos da linguagem uma compreensão mais ampliada a respeito dos sentidos que surgem no uso efetivo da língua em situações reais de comunicação (Ferrari; Pinheiro, 2017, p. 68).

3 Procedimentos metodológicos

Como já dito, analisa-se aqui o funcionamento da estrutura *de + SN* na função de modificador do substantivo *dose* em *tweets*. Para isso, foram capturados *tweets* produzidos entre outubro de 2019 e outubro de 2021, recorte temporal que se baseia no fato de terem sido observadas diferentes formas de manifestação discursiva do modificador em *tweets* relacionados à vacinação contra a Covid-19.

Para a busca dos *tweets*, utilizou-se a ferramenta *Busca avançada* do próprio *Twitter*, por meio da qual é possível fazer uma filtragem com base em alguns critérios para a captura dos *tweets*. Ao selecionar a *Busca avançada*, um quadro com alguns critérios para a busca de *tweets* é apresentado, como *Todas estas palavras*, *idioma*, *data*, entre outros.

Na opção *Todas estas palavras*, digitou-se a palavra *dose*. As outras opções que se referem à busca de palavras ou frases exatas não foram levadas em consideração, pois não era o propósito selecionar determinadas frases ou expressões, mas, sim, a palavra *dose* com a acepção já mencionada. Na opção *idioma*, selecionou-se *português*, já que este trabalho se volta à Língua Portuguesa. Como não se buscam contas específicas, não foram selecionados *tweets* utilizando o critério *Contas*. Na seção *Filtro*, desabilitou-se a inclusão de respostas, pois a intenção era buscar apenas *tweets* e não respostas a *tweets* prévios, uma vez que, às vezes, o *tweet* respondido é apagado pelo usuário, o que, de certa forma, poderia prejudicar a análise. Além disso, nessa mesma seção, habilitou-se somente a opção *incluir tweets com links*. O critério *Engajamento* não foi utilizado, pois se acredita que o engajamento não influencia a realização ou não do modificador em questão. A última opção selecionada para filtrar a busca dos *tweets* foi a *data*. Como a coleta de *tweets* se deu considerando o período entre outubro de 2019 e outubro de 2021, fez-se a busca pelos textos, a partir de cada mês, desde outubro de 2019. Na opção *Datas*, selecionou-se, então, o mês, o primeiro dia e o último dia de cada mês,

e o ano. Por exemplo, ao buscar os *tweets* no mês de outubro de 2019, selecionou-se, na primeira opção, *outubro* (mês), *1* (dia), *2019* (ano), e, na segunda opção, *outubro* (mês), *31* (dia), *2019* (ano). Após o preenchimento desses critérios, fez-se a busca dos *tweets*, clicando na opção *Buscar*. Nesse procedimento, capturaram-se apenas os *tweets* em que o substantivo *dose* tinha a acepção de “quantidade padrão de remédio, bebida etc.”⁶.

A partir dessa busca filtrada, foram capturados 1994 *tweets* em que se notou a manifestação do substantivo *dose* com a acepção supramencionada. Desse total, observaram-se 2113 ocorrências do substantivo. Na seção a seguir, analisa-se a estrutura *de + SN* na função de modificador do substantivo *dose*.

4 A estrutura *De + SN* na função de modificador do substantivo *dose* em *tweets*: uma análise funcional-cognitivista

Conforme previamente mencionado, este trabalho objetiva analisar o funcionamento da estrutura *de + SN* como modificador do substantivo *dose* em 1994 *tweets* produzidos entre outubro de 2019 e outubro de 2021, a fim de examinar como os sentidos emergem no uso efetivo da língua em situações reais de comunicação. Assumindo a noção de transitividade dos substantivos, conforme Castilho (2010), considera-se que o substantivo *dose*, ao significar “quantidade padrão de remédio, bebida etc.”⁷, necessita de informação complementar para que um sentido se efetue. Nesse caso, o modificador em questão (estrutura *de + SN*) desempenha esse papel, nos contextos discursivos analisados.

Uma análise mais detalhada acerca do modo de realização da estrutura *de + SN* na função de modificador do substantivo *dose* revelou quatro modos de realização de tal modificador, que foram categorizados da seguinte maneira: modificador realizado linguisticamente (45%), modificador parcialmente realizado (9%), modificador zero anafórico/catafórico (32%) e modificador zero inferido (14%). A partir das análises realizadas no *corpus* desta pesquisa, verificou-se que a realização de cada modificador encontra-se relacionada ao grau de previsibilidade da informação complementar do substantivo *dose* veiculada, sendo tal realização linguística influenciada por mecanismos funcionais e cognitivos.

Cotejando cada modo de realização do modificador aos princípios funcionalistas informatividade e iconicidade, constatou-se que o modificador realizado linguisticamente (*dose*

⁶ Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2004.

⁷ Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2004.

de humanidade, de antidepressivo, de coragem, da vacina contra a Covid-19) tende a veicular uma informação categorizada como *nova* (Prince, 1981). Considere-se o seguinte caso:



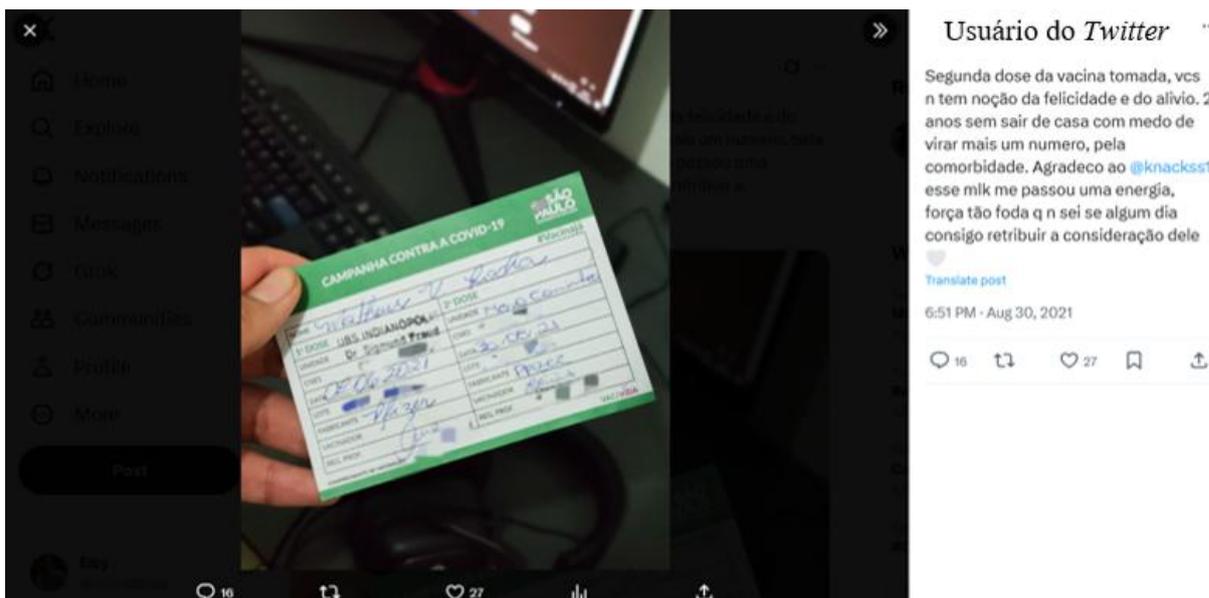
Tweet 2

Disponível em:

<https://twitter.com/tvfoco/status/1254975118276734976>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Nesse *tweet*, a realização do modificador realizado linguisticamente se dá pelo fato de codificar uma informação introduzida pela primeira vez no discurso, que ainda não se configura como um conhecimento compartilhado entre produtor do *tweet* e seu leitor. Nesse caso, trata-se de uma informação complementar não compartilhada entre produtor do *tweet* e seu(s) interlocutor(es), ou que ainda não está ativada na mente do interlocutor. Por isso, a imprevisibilidade da informação é compreendida como uma justificativa para a necessidade de o usuário do *Twitter* codificá-la por meio do Sintagma Preposicionado (SPrep). Diante disso, atrela-se também essa categoria de modificador do substantivo *dose* ao subprincípio icônico da quantidade (Givón, 2001), segundo o qual a quantidade de forma utilizada está relacionada à quantidade de informação que se deseja comunicar na interação linguística.

Sobre o modificador parcialmente realizado, é possível aferir que parte da informação complementar do substantivo *dose* estava acessível para o interlocutor por meio de elementos linguísticos e/ou imagéticos que configuravam o *tweet*, podendo ser ativada, quando necessária, por meio do contexto linguístico ou por meio de inferência. Ilustra-se tal ocorrência do modificador a seguir:



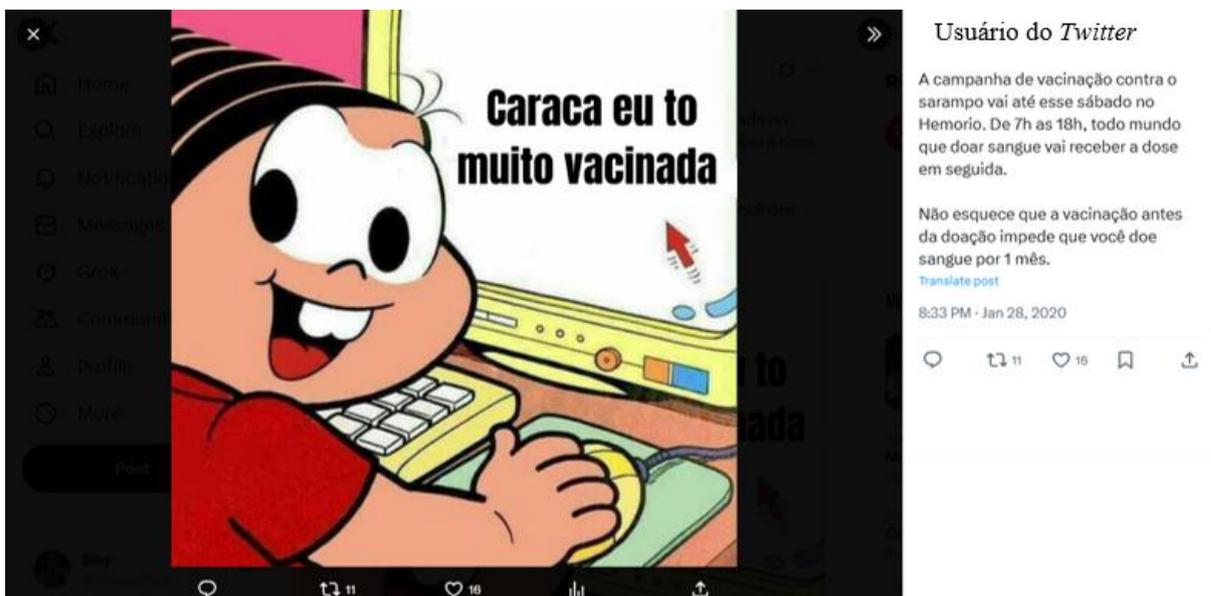
Tweet 3

Disponível em: <https://twitter.com/Mavirocha14/status/1432460893196017666>. Acesso em: 6 jun. 2022.

Como se nota no exemplo, nos casos em que se averiguou o modificador parcialmente realizado, uma fração da informação complementar do substantivo *dose* se materializava linguisticamente, no *tweet*, por meio de um modificador (*dose da vacina*, por exemplo), e a outra parte era acessada pelo leitor no próprio texto ou por meio de um processo de inferência (*dose da vacina [contra a Covid-19]*, por exemplo). Por parte da informação complementar do substantivo *dose* estar acessível para o interlocutor, argumenta-se que o produtor opta pelo modificador parcialmente realizado, dosando, assim, a quantidade de informação que era ou não codificada no texto por meio do SPrep em análise. Tal ideia encontra respaldo no subprincípio icônico da quantidade (Givón, 2001), já que a menor quantidade de elementos linguísticos para a codificação da informação complementar do substantivo *dose* estava diretamente relacionada ao fato de ser considerada previsível.

Por sua vez, o modificador zero anafórico/catafórico não se realiza linguisticamente à direita do substantivo *dose*, mas pode ser recuperado e definido por meio dos elementos

linguísticos e/ou imagéticos que constituem o *tweet*. Para exemplificar, apresenta-se o *tweet* a seguir:



Tweet 4

Disponível em: <https://twitter.com/HEMORIO/status/1222301819499696128/photo/1>. Acesso em: 27 jun. 2022

Nesse *tweet*, que compõe o *corpus* de análise, no qual se comunica ao leitor até que dia acontecerá a vacinação contra o sarampo e informa-se que “de 7h as 18h todo mundo que doar sangue vai receber a dose em seguida”, o substantivo *dose* não vem acompanhado da estrutura *de + SN*, que lhe acrescentaria informação complementar. No entanto, embora essa informação não seja codificada linguisticamente por meio do modificador, ela pode ser recuperada no contexto linguístico do próprio *tweet* “A campanha de vacinação contra o sarampo”, o que permite afirmar que o leitor é capaz de entender que “De 7h as 18h, todo mundo que doar sangue vai receber a dose *da vacina contra o sarampo*”. Nos casos do modificador zero anafórico/catafórico, a informação complementar do substantivo *dose* já está definida no contexto linguístico (precedente, como no exemplo citado, ou subsequente) e/ou imagético e acessível para o interlocutor, podendo ser, portanto, ativada assim que for necessário, o que justifica a ocorrência, para o autor, do modificador zero anafórico/catafórico. Tal informação é categorizada, portanto, como *evocada*, com base em Prince (1981), uma informação que nos dados analisados não se materializa por meio do SPrep, mas que pode ser acessada tanto pelo contexto linguístico precedente e/ou subsequente ou por meio do contexto imagético.

No caso do modificador zero anafórico/catafórico, argumenta-se que, por julgar a informação complementar do substantivo *dose* como previsível, uma vez que ela estará acessível para o leitor, por meio do próprio *tweet*, e poderá ser ativada por este, quando se fizer necessária sua ativação, o produtor opta por não codificar a informação complementar do substantivo *dose* por meio do SPrep em estudo, dosando, por conseguinte, a quantidade de informação que será veiculada linguisticamente no texto. Dessa maneira, respalda-se a ocorrência do modificador em questão com base no fato de que, quanto mais previsível/acessível for uma informação para o interlocutor, menor quantidade de material linguístico para codificação dessa informação será utilizada pelo usuário da língua (Givón, 2001).

Além de tais modificadores, observou-se a ocorrência, como já supramencionado, do modificador zero inferido. Para auxiliar a análise desse modificador, recorre-se à noção de *frames* cultivada no bojo da Linguística Cognitiva, mais especificamente pela Semântica de *Frames*, pois tal noção pode contribuir significativamente com este estudo.

Como já dito, este trabalho propõe-se a analisar o funcionamento da estrutura *de + SN* como modificador do substantivo *dose*, o qual, significando “quantidade padrão de remédio, bebida etc.”, se enquadra na categoria de palavras sincategoremáticas (Castilho, 2010) e exige, do ponto de vista da autonomia de sentido, maiores informações para ser compreendido. Nesse caso, o SPrep em questão cumpre o papel de codificar uma informação complementar ao substantivo *dose*.

A partir do levantamento do *corpus* de análise, capturaram-se *tweets* em que o substantivo *dose* não vem acompanhado da estrutura *de + SN* e a informação complementar de tal nome não pode ser recuperada a partir dos itens linguísticos que constituem o *tweet* nem por elementos imagéticos, como se pode notar no caso a seguir:



Tweet 5

Disponível em: https://twitter.com/ricardo25_early/status/1454481457896902657. Acesso em: 04 mai. 2022.

Nesse exemplo, o substantivo *dose* não vem acompanhado do SPrep, o qual lhe acrescentaria uma informação complementar. No entanto, observa-se um aspecto diferente dos casos em que o modificador foi categorizado como zero anafórico/catafórico, já que nestas ocorrências a informação complementar pode ser recuperada no próprio *tweet*.

Em textos de usuários do *Twitter* como o exemplo (5), a informação complementar do substantivo *dose* não pode ser recuperada por elementos linguísticos ou imagéticos do *tweet*, o que faz com que seja atribuída uma nova categoria de modificador do substantivo *dose*. Nesses casos, para analisar esta outra ocorrência de modificadores, denominada modificador zero inferido, vê-se necessário, para um estudo mais integrado de tais usos linguísticos, lançar mão da noção de *frames*, já que, não havendo ocorrência linguística da estrutura *de + SN*, se faz necessário averiguar como a informação pode ser recuperada e como, dessa forma, o sentido emerge nesses casos. Dito isso, a seção seguinte será dedicada à análise e à discussão de *tweets* em que se observou o modificador zero inferido.

4.1 O modificador zero inferido e a construção de sentido baseada em *frames*

Conforme já mencionado, o conceito de *frame* está associado ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado e “designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência” (Ferrari, 2020, p. 50).

Averiguou-se no *corpus* de análise a ocorrência do modificador zero inferido com sentido referente à bebida alcoólica e à vacinação contra a Covid-19, que representa respectivamente 168 (59,2%) e 116 (40,8%) casos, de um total de 284 ocorrências do modificador zero inferido. Observou-se que, nos dados desta pesquisa, o modificador zero inferido de temática voltada para a vacinação contra a Covid-19 começou a aparecer a partir do segundo semestre de 2020. Isso evidenciou que tal ocorrência do modificador do substantivo *dose* é influenciada pelo momento histórico da pandemia da Covid-19, visto que, no *corpus* deste estudo, nos *tweets* produzidos antes do período pandêmico, houve predomínio do modificador zero inferido cuja temática estava relacionada à bebida alcoólica.

Para analisar o modificador zero inferido de temática voltada para a vacinação contra a Covid-19, é importante considerar que o mundo inteiro passou, desde dezembro de 2019, a lidar com uma doença altamente contagiosa e que isso fez com que se passasse a ter novas experiências biossociais. A partir disso, diferentes *frames* de enquadramento da pandemia da

Covid-19 puderam ser identificados, como, por exemplo, o evento VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19. Além desse *frame*, outros podem ser citados: NEGACIONISMO, PROTEÇÃO, CONTAMINAÇÃO, AGLOMERAÇÃO etc. (Duque, 2020). Para este estudo, recorre-se ao *frame* VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19.

Como já dito, a vacinação contra a doença causada pelo novo coronavírus foi bastante aguardada por muitos e, desde o início da pandemia, já se buscava um medicamento eficaz. O início da vacinação contra a Covid-19 se tornou um evento muito importante para grande parte da população e foi centro de atenção dos meios de comunicação. Desde então, a imunização contra essa doença ganhou significativo destaque nas mídias sociais e falava-se muito acerca desse processo.

Considerando o *status* que a vacinação contra a Covid-19 recebeu, pelo destaque que essa imunização ganhou na sociedade brasileira, assim como no mundo todo, pode-se afirmar que a vacinação contra a Covid-19 tenha se tornado um conhecimento armazenado na nossa memória de longo prazo e foi organizado a partir da esquematização da experiência. Nesse caso, tal conhecimento caracteriza-se, portanto, como um *frame*, denominado aqui evento VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19. A seguir, é apresentado um esquema a fim de representar tal *frame*, que está situado no contexto maior da pandemia da Covid-19:

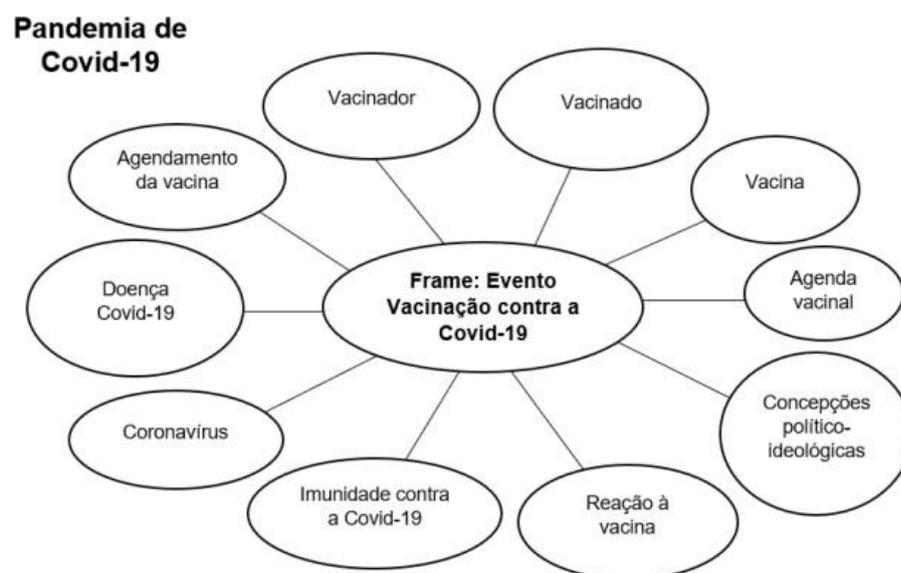


Figura 1 - *Frame* EVENTO VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19
Fonte: Elaboração dos autores.

Levando em conta a representação acima, foram identificados os participantes dessa estrutura conceptual, que são: Coronavírus, Doença Covid-19, Agendamento da vacina, Vacina, Vacinador, Vacinado, Concepções político-ideológicas, Reação à vacina, Imunidade contra a Covid-19. Esses papéis participantes foram depreendidos com base nas análises feitas dos *tweets* em que se notou o que se categorizou como modificador realizado linguisticamente cuja temática se voltava à vacinação contra a Covid-19, como o seguinte caso:



Tweet 6

Disponível em: <https://twitter.com/CoronavirusBra1/status/1445829637892820995>. Acesso em: 20 mai. 2022.

Nesse *tweet*, em que se verifica a ocorrência do modificador *da vacina contra a Covid-19*, o produtor estabelece uma comparação entre o percentual da população brasileira que se vacinou contra a Covid-19 com o da população do Reino Unido. No que está posto explicitamente no texto, identifica-se o participante *vacinado* a partir do substantivo *população*, além dos papéis *vacina* e *doença Covid-19* com base na expressão *dose da vacina contra a Covid-19*. Embora não estejam presentes no texto, o leitor é capaz de saber que parte da população brasileira recebeu a *vacina contra a Covid-19*, que a Covid-19 é uma doença causada pelo novo *coronavírus*. Essa vacina foi aplicada por um *vacinador*, a qual garantirá *imunidade* contra a doença ao *vacinado*, que poderá, ou não, ter tido *reação à vacina*.

Isso posto, apresenta-se, a seguir, a análise de um *tweet*, produzido no dia 30 de agosto de 2021, em que se observa a inter-relação entre elementos linguísticos e imagéticos, os quais formam um todo significativo. Considere-se:



Tweet 7

Disponível em: <https://twitter.com/altharest/status/1432484568129474569>. Acesso em: 9 jun. 2022

Nesse *tweet*, observa-se, primeiramente, que o produtor informa que tomou uma *dose* de algo e está se sentindo de determinada maneira após isso, além de fazer um alerta sobre a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS). A partir disso, é possível notar o uso do substantivo *dose* denotando, nesse contexto discursivo, “quantidade padrão de remédio, bebida etc.”, podendo ser considerado um substantivo transitivo e, portanto, uma palavra sincategoremática, ou seja, uma palavra que depende de outra para evocar um sentido completo (Castilho, 2010).

Como discutido até o momento, o SPrep (estrutura *De + SN*) pode desempenhar a função de agregar informação complementar ao substantivo *dose*; todavia, como se percebe, tal estrutura linguística não aparece realizada linguisticamente no *tweet* supramencionado, mas também não pode ser recuperada anaforicamente por meio do contexto linguístico nem por meio de elementos imagéticos. Entretanto, embora isso ocorra, tal texto não deixa de fazer

sentido para o leitor, pois se acredita que, por estar inserido em determinado contexto pragmático, ele é capaz de, a partir de seu conhecimento estruturado por meio de experiências, atribuir sentido ao texto à medida que tem contato com os elementos que constituem tal enunciado.

Ao se deparar com a imagem, por exemplo, que constitui o *tweet*, o interlocutor pode ver que nela está o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, sorrindo e com parte do seu rosto e pescoço apresentando escamas, além de um de seus olhos estar alterado, o que lhe dá um aspecto de determinado réptil. O leitor pode até pressupor a partir de tal imagem uma transformação do Barack Obama em um réptil.

Em um primeiro momento, o destinatário pode entender que o produtor do *tweet*, após ter tomado o que tomou, está se sentindo tal qual o ex-presidente Barack Obama, ou seja, com parte de seu corpo crescendo escamas, seus olhos mudando, transformando-se, portanto, em um réptil. Diante disso, o que poderia o produtor ter tomado para que isso pudesse ter acontecido?

Relacionando o *tweet*, sobretudo à imagem que o constitui e, especialmente, ao momento em que foi veiculado, pode-se trazer à tona o contexto da pandemia da Covid-19. Nesse cenário histórico, como já se expôs, a vacinação contra tal doença foi muito aguardada por grande parte da população mundial. No entanto, o povo brasileiro, por exemplo, passou por algumas intempéries até que a vacinação contra a Covid-19 se iniciasse efetivamente. Uma delas foi a descredibilização que o próprio ex-presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, fazia a respeito de tal vacina. Um exemplo disso foi o fato, ocorrido no dia 17 de dezembro, um mês antes do início da vacinação contra a doença que já havia matado milhares de pessoas no Brasil, de o ex-presidente do Brasil ter dito que, ao tomar a vacina contra a Covid-19, “se você virar um jacaré, é problema de você”⁸ (sic), questionando, portanto, a eficácia da vacina contra tal enfermidade, assim como sugerindo possíveis efeitos colaterais em quem decidisse tomar tal imunobiológico, desacreditando, de certo modo, da vacina e de tudo aquilo que está relacionado a ela. Tal atitude do presidente teve grande repercussão, e muito se falou sobre isso, tornando-se um conhecimento armazenado na memória de grande parte da população. Muitas pessoas, depois de tomar a vacina contra a Covid-19, diziam, de maneira irônica, que estavam se transformando em jacaré – como no *tweet* 7 –, ou algo assim, a fim de ironizar, criticar e reprovar, por exemplo, o discurso do ex-chefe do poder executivo federal.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>. Acesso em: 12 de abr. 2022.

Com base nisso, o leitor, ao se deparar com o *tweet* anterior, é capaz de fazer as conexões necessárias e atribuir sentido ao texto, a partir do acesso ao *frame* VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19, entendendo que, nesse contexto discursivo, o produtor tenha tomado a segunda dose da vacina contra a Covid-19 e esteja se transformando em um réptil, que, nesse caso, seria um jacaré. Para essa interpretação, o recurso não verbal – a imagem do Barack Obama se transformando – seria a pista para o acesso ao *frame* supracitado, nesse caso, relacionada ao participante *reação à vacina*. Nesse sentido, o modificador do substantivo *dose* é recuperado por meio de um processo de inferência, permitido a partir do acesso ao *frame* EVENTO VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 – inferência que dependia do conhecimento prévio do leitor, por estar atento às notícias. Ademais, vale ressaltar que a construção “Enfim, defendam o SUS” possa fazer com que o leitor compreenda que o *tweet* está relacionado a determinado evento sobre a saúde no Brasil, imaginando, por exemplo, que o produtor tenha tomado a segunda dose de determinada vacina. No entanto, a recuperabilidade total da informação que seria veiculada pelo modificador do substantivo só é permitida, nesse caso, a partir da pista não verbal que dá acesso ao *frame* EVENTO VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19.

Portanto, considerando o contexto da pandemia da Covid-19 e o fato de a vacinação contra tal doença ter se tornado um conhecimento culturalmente compartilhado, a inter-relação dos elementos que constituem o *tweet* analisado pode ativar na mente do interlocutor a experiência de uma pessoa (*vacinado*) recebendo a segunda dose da vacina contra a Covid-19, que está, ironicamente, tendo reação à vacina (*transformando-se em um jacaré*). Dessa maneira, assumindo que o leitor possui estruturas cognitivas que lhe permitem processar o discurso ao qual tem acesso, de modo a incrementar informações não codificadas, pode-se afirmar que o produtor não vê necessidade de codificar a informação complementar do substantivo *dose* por meio de um modificador (estrutura *de +SN*).

Considere-se, agora, outro *tweet*, que foi produzido no dia 30 de agosto de 2021, em que a recuperação do modificador do substantivo *dose* também é permitida a partir do acesso ao *frame* VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19.



Tweet 8

Disponível em: https://twitter.com/Sr_Coimbra/status/1432479847784329216. Acesso em: 06 jun. 2022.

Nesse outro *tweet*, observa-se que o produtor comunica ao leitor que a marcação da segunda dose foi realizada, além de dizer que não foi humilhado pelo *site* em que se cadastrou, muito provavelmente o *site* em que marcou essa segunda dose. Analisando atentamente tal texto, pode-se ver o uso do substantivo *dose* com acepção de “quantidade padrão de remédio, bebida etc.” sem seu modificador que lhe acrescentaria uma informação complementar.

Embora não haja a realização linguística de tal modificador nem sua recuperação por meio de anáfora ou catáfora, o leitor pode inferi-lo a partir do que está no texto, considerando que, para se vacinar contra a Covid-19, as pessoas, no Brasil, precisavam agendar sua vacina em determinado *site*, na maioria das vezes *sites* de prefeituras, por exemplo. Tal agendamento era feito para que se tivesse controle da quantidade de pessoas que poderiam se vacinar levando-se em conta a quantidade de doses da vacina contra a Covid-19 que seriam administradas por dia. Diante desse fato, pode-se considerar o agendamento da vacina como um papel participante associado ao *frame* VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19. Nesse sentido, ao se deparar com o *tweet*, o leitor lê que a segunda dose do enunciador está marcada, ou agendada, para o próximo dia, o que pode levá-lo a associar tal fato à vacinação contra a Covid-19, inferindo, portanto, que o falante agendou a sua segunda dose da vacina contra a Covid-19. É por meio da construção “segunda dose já tá marcada pra amanhã” que o interlocutor acessa o *frame* EVENTO VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19, presente em sua memória, e incrementa informações não codificadas no texto.

Ressalta-se que tal pista verbal (*já tá marcada pra amanhã*), além de permitir que o leitor infira acerca do modificador do substantivo *dose*, ativa na mente do leitor que o produtor agendou, em determinado *site*, a sua segunda dose da vacina contra a Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, e, no próximo dia, o enunciador (vacinado) receberá a vacina

por um profissional da saúde (vacinador), a qual tem o potencial de lhe garantir imunidade contra a doença Covid-19.

Além do modificador zero inferido com temática relacionada à vacinação contra a Covid-19, como já dito, encontrou-se, neste estudo, modificador zero inferido com temática bebida alcoólica. Nesse caso, notou-se que a informação do substantivo *dose* sempre tinha um aspecto genérico nos *tweets*, uma vez que, tratando-se de uma informação não codificada no texto, o leitor não tinha conhecimento de sua identidade específica. Nos *tweets* que apresentaram o modificador zero inferido de temática voltada para bebida alcoólica, foram observadas pistas verbais e não verbais, consideradas papéis do *frame* BEBIDA ALCOÓLICA, que é representado com o esquema a seguir:

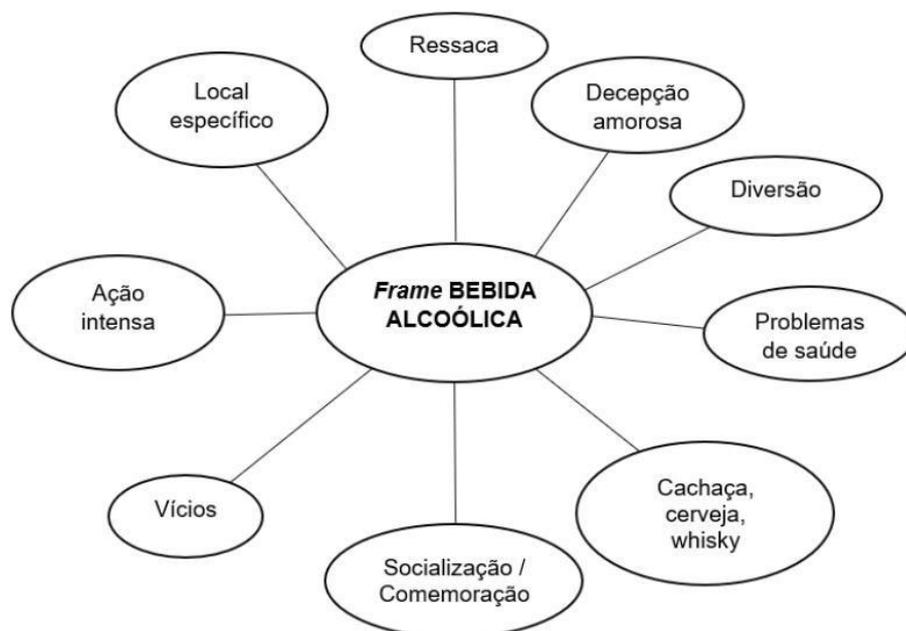


Figura 2 - *Frame* BEBIDA ALCOÓLICA

Fonte: Elaboração dos autores.

Observou-se que tais pistas permitem que o leitor acesse o *frame* representado anteriormente, para que possa, então, recuperar a informação complementar do substantivo



dose não codificada por meio de um modificador de estrutura *de + SN* e atribuir sentido aos *tweets*. Posto isso, considere-se o caso a seguir:

Tweet 9

Disponível em: <https://twitter.com/phelpspspss/status/1254973207519596550>. Acesso em: 5 jul. 2022

Nesse caso, nota-se que o produtor comunica que, caso seu *tweet* recebesse três *likes*, ele viraria uma dose pela vitória da participante da vigésima edição do Big Brother Brasil (BBB20), Thelma Assis, que aconteceu no dia 27 de abril de 2020. A partir disso, observa-se o uso do substantivo *dose* com acepção de “quantidade padrão de remédio, bebida etc.”, o que permite afirmar que tal substantivo, nesse contexto discursivo, necessita de informação complementar para que se efetue um sentido completo. Tal função seria desempenhada por meio de um modificador de estrutura *de + SN*, no entanto isso não ocorre.

Embora a codificação da informação complementar do substantivo não aconteça, observa-se, no próprio *tweet*, a ocorrência do verbo *virar*, que contribui para que a informação complementar de *dose* seja inferida pelo interlocutor, pois o auxilia a acessar uma estrutura cognitiva a fim de que possa incrementar informações não veiculadas por meio da materialidade linguística, no discurso. Nesse sentido, tal item lexical, participante do *frame* BEBIBA ALCOÓLICA, é um indexador linguístico que permite ao leitor acessar esse *frame*, a partir do qual o interlocutor ativa, em sua mente, a experiência de alguém virando (ou seja, bebendo) uma “dose de bebida alcoólica” a fim de comemorar a vitória, nesse caso, de uma participante do BBB20. Considere-se, agora, outro caso de um *tweet*, produzido no dia 27 de novembro de 2019.



Tweet 10

Disponível em: <https://twitter.com/phelpspspss/status/1254973207519596550>. Acesso em: 5 jul. 2022

A partir do que se observa, o usuário do *tweet* produz tal enunciado a fim de comunicar que foi tomar a primeira *dose*, e tal substantivo não vem acompanhado à sua direita de um

modificador. Num primeiro momento, o leitor pode acionar o *frame* VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19, a partir, mais especificamente, do participante *Agenda Vacinal*, considerando o contexto no qual o *tweet* fora produzido e o fato de que o conhecimento compartilhado é que a vacinação contra a Covid-19 ocorre em fases. Nesse caso, portanto, a presença do modificador *primeira* (*primeira dose*) contribui para a inferência de que o enunciador poderia estar falando de vacina.

Todavia, ao ter acesso ao discurso inteiramente, o leitor infere que o produtor está se referindo à dose de outra coisa, que, nesse caso, é de bebida alcoólica, inferência permitida por meio do item lexical *bar*, que possibilita ao interlocutor acessar o *frame* BEBIDA ALCOÓLICA e interpretar que, no caso acima, o produtor foi tomar a primeira dose de bebida alcoólica, mas o bar estava fechado, provavelmente, em virtude de um decreto de Quarentena feito pelo governador de São Paulo da época, João Dória. Esse cenário parece provocar uma quebra de expectativa, o que contribui para a emergência de certo tom anedótico, com valor humorístico.

Diante do que se expôs acerca do modificador zero inferido e como a informação complementar do substantivo *dose* pode ser recuperada pelo leitor, quando tal informação não pode ser retomada de modo definido no contexto linguístico ou imagético, observou-se que o modificador é recuperado por meio de um processo de inferência permitido ao leitor por meio do acesso que ele tem a *frames*, isto é, estruturas cognitivas presentes em sua memória. O acesso ao *frame* EVENTO VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19, por exemplo, permite que o interlocutor do *tweet* infira que a informação complementar do substantivo *dose*, em determinados contextos discursivos, é *da vacina contra a Covid-19*.

Nesse caso, o usuário produtor de tais *tweets*, por supor que seu interlocutor detém determinadas estruturas de conhecimento em sua memória, tende a não codificar a informação complementar do substantivo *dose* nesses casos, deixando ao leitor o cargo de incrementar informações não codificadas no discurso. Diante disso, pode-se afirmar que a produção de sentido dos *tweets* por meio de *frames* está associada aos princípios funcionalistas de informatividade e iconicidade.

No que se refere ao princípio da informatividade, é possível afirmar que, como produtor e interlocutor podem ter experiências parecidas por estarem inseridos num contexto cultural semelhante, há, então, o compartilhamento dessas estruturas de conhecimento armazenado na memória, ou seja, o *frame* EVENTO VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 e o *frame* BEBIDA ALCOÓLICA, por exemplo. Nesse sentido, pode-se considerar que, nesse caso, tais estruturas consistem em um conhecimento supostamente compartilhado entre produtor e destinatário do

tweet. Diante disso, assumindo que se caracteriza como um conhecimento compartilhado entre interlocutores, o falante opta por não codificar a informação complementar por meio do modificador (estrutura *de + SN*).

Ademais, pode-se pontuar que o produtor tende a considerar que tal informação complementar é previsível para seu interlocutor, já que o acesso a *frames* lhe permite inferir tal informação e atribuir sentido aos *tweets* em que houve o apagamento do modificador e, conseqüentemente, da informação veiculada por ele, o que nos permite associar tal apontamento ao princípio da iconicidade (Givón, 2001), mais especificamente ao subprincípio icônico da quantidade, dada a tendência à não materialização linguística de informações consideradas previsíveis pelo falante.

Considerações finais

Neste artigo, objetivou-se analisar a estrutura *de + SN* na função de modificador do substantivo *dose* em *tweets* produzidos entre outubro de 2019 e outubro de 2021, a fim de se verificar como os sentidos emergem no uso efetivo da língua. Para efetuar o estudo, recorreu-se à interface entre o Funcionalismo Linguístico Clássico e a Linguística Cognitiva, mais precisamente a Semântica de *Frames*.

A partir das análises empreendidas, observaram-se quatro modos de realização do modificador em estudo (modificador realizado linguisticamente, modificador parcialmente realizado, modificador zero anafórico/catafórico e modificador zero inferido). Para análise dos quatro modificadores, lançou-se mão dos princípios funcionalistas iconicidade e informatividade, além de, para análise do modificador zero inferido, recorrer-se à noção de *frames*, tal qual desenvolvida no bojo da Semântica de *Frames*, de Fillmore (1977; 1982).

Diante desse estudo, observa-se a influência de aspectos funcionais e cognitivos no funcionamento da estrutura *de + SN* e a necessidade de se levarem em conta na análise linguística fatores que vão além da estrutura da língua. Ademais, a análise dos dados corrobora o pressuposto de que uma abordagem funcional-cognitivista – isto é, que conjuga aspectos do Funcionalismo Linguístico aos da Linguística Cognitiva – pode proporcionar aos estudos da linguagem uma compreensão mais ampliada a respeito dos sentidos que surgem no uso efetivo da língua em situações reais de comunicação. Nesse sentido, percebe-se também que a Semântica de *Frames* oferece contribuições significativas ao Funcionalismo Linguístico, uma vez que traz para o centro da descrição linguística as bases físicas e culturais da experiência humana (Ferrari, 2020). Tal teoria enfatiza, como demonstrado nas análises, o papel do

contexto situacional e cognitivo na compreensão e produção da linguagem, destacando como os significados se constroem a partir de estruturas cognitivas subjacentes, ou seja, *frames*, as quais refletem experiências e conhecimentos compartilhados culturalmente. Corrobora-se, dessa maneira, o que Ferrari (2020, p. 50) considera sobre o papel decisivo que as estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente apresentam na construção dos significados.

Referências

- BISPO, Edvaldo Balduino. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. 2009. 162f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- CASTANHEIRA, Dennis. Linguística de Texto e Funcionalismo Norte-Americano em diálogo: em defesa de uma agenda de pesquisas. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], v. 12, n. 31, p. 181-202, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/38661>. Acesso em: 5 set. 2024.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAFE, Wallace. Cognitive constraints on information. In: TOMLIN, Russel. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987, p. 21-51.
- DOSE. In: *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- DUQUE, Paulo Henrique. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 21-45, 30 jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2017v21n41p21>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/P.2358-3428.2017v21n41p21>. Acesso em: 13 mai. 2025.
- DUQUE, Paulo Henrique. A Covid-19 em charges: uma análise baseada em *frames*. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 69, p. 106-127, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i69.44290>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44290>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FERRARI, Lilian Vieira. PINHEIRO, Diogo. Forma e função: reflexões a partir da Linguística Cognitiva. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura (org.). *Funcionalismo Linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: EDUFF, 2017, v. 40, p. 67-90.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2020.
- FILLMORE, Charles. Scenes-and-frames Semantics. In: ZAMPOLLI, Antonio (ed.). *Linguistic Structure Processing*. Amsterdam: North Holland Publishing Company, 1977.
- FILLMORE, Charles. Frame Semantics. In: Linguistic Society of Korea (ed.). *Linguistics in the Morning Call*. Seoul: Hánshin, 1982.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015. p. 21-47.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, [S. l.], v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410>. Acesso em: 6 set. 2022.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. *Syntax*. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (orgs.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 43-70.

NOLASCO, Abraão Cleber Silva. *A estrutura “De+SN” como modificador do substantivo “dose”: Uma análise funcional-cognitivista*. 2023. 121f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005.

PRINCE, Ellen. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, Peter (org.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-55.

SILVA, Leonardo Medeiros da. *Entre socialistas de iPhone e capitalistas sem capital: análise da construção de sentidos em memes baseada em frames*. 2020. 90f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

Recebido em 10 de janeiro de 2025

Aceito em 12 de maio de 2025